

O NEOPHYTO

Diversos Redactores e Collaboradores — PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ANNO I

MATO-GROSSO — CUIABÁ, 20 DE FEVEREIRO DE 1911

N. 12

Redacção — Rua 13 de Junho — 35

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA

Por 1.º mês \$500
Por 1.º anno \$5500

Numero avulso \$200

Secção de annuncios, pedidos, etc.
proposições convencionaes.

Pagamento adiantado.

A Hebdomada

A semana foi toda de festas... para o senador Azeredo...

Desde antes da sua chegada esse nosso patricio já veio amollado com tantas discursinhas e chateirismos de toda a sorte, e agora que aqui chegou, pensando ficar livre de tanta *tráfegancia*, apparecem banquetes e mais banquetes, visitas officiaes, chateiristas diarios e ferrenhos, baile, garden party, o diabo enfim!

Meditem bem os leitores e deduzam depois com toda a liberdade de consciencia se uma coisa assim não aborrece a gente...

O senador nem tem um minuto por dia para se por a fresqueta e fazer um sestazinha depois do almoço... E' brincadeira!!! A casa sempre cheia! Chateiras por todos os cantos! E assim vive o senador, no meio de uma barafunda inexplicavel e, tanto isto é verdade que se, exa, poderia passar aqui ao menos um mez, mas não o faz porque sabe que assim acontecendo a sua vida vai ficando arribulada cada vez mais e, por isso, elle quer raspar-se quanto antes...

Mas... perdoem-me, leitores, o estar en, assim tão cara-

duramente (salvo o adverbio) afastando o sentido da chronica.

Principiei fallando das festas promovidas em homenagem ao senador Azeredo e desceambi por um lado todo differente deste assumpto.

Voltemos, porem, ás festas. Que bellas que estão sendo! E o baile de ante-hontem, e o banquete de quinta-feira, e a *gar-den-party* hontem! A nossa Cuiabá movendo-se toda; em um rebolico extranho, tudo para homenagear um homem, um nosso patricio!

E ao ver todos esses preparos, todas essas grandezas, todas essas festas, todas essas ostentações. lembro-me da scena que outro dia presencié...

Uma mãe pobre passava pela rua Pedro Caléstino com o filho, e vendo-a toda cheia de aros e balões, enfeites e flores, disse ao petiz: «Tudo isto meu filho, foi feito por causa da chegada de um homem, filho daqui mesmo e que nasceu pobre como tu. Hoje, pelos seus proprios esforços, pelo seu insano labutar, conseguiu ser grande e admirado, rico e honesto...

Se algum dia te fizerem uma manifestação assim, que symbolysará o amor dos teus conterraneos por ti e pelos serviços que prestares ao teu berço natal, oh! meu filho, serei bem feliz.»

Extremamente bella a *garden party* realizada em homenagem ao Senador Azeredo.

Toda a cidade moveu-se para ver a grande festa; e minha-

da dos grupos escolares, escolas normaes particulares; trajadas de branco, cada uma com um bouquet de flores e marchando disciplinadamente ao som de um dobrado militar, chamem a attenção do publico.

Depois da entrada no jardim, esperaram a chegada do Senador Azeredo, que foi acompanhado de muitas e distinctas familias e *payalheiros* da nossa sociedade e recebido, por entre flores e palmas, saudando-o por essa occasião a menina Avelina de Siqueira.

A multidão infantil, então, entoou o hymno da republica, acompanhado por uma excellente orchestra.

Deu-se começo, depois disto, aos cantos e danças, executados por diversas alumnas do grupo escolar e, devido ao optimo ensaio dos papeis, a multidão applaudia em delirio a creançada.

Enfim, no breve espaço destas linhas podemos assegurar que a festa esteve grandemente bella e excellente e por isso é digna de menção, cabendo-me enviar as minhas palmas aos promotores da mesma.

Finda a festa do jardim, o Cinema chamou a attenção do povo.

A função foi dedicada tambem ao Senador e, por isso, devia ser concorrida, por simples chateirismo ou qualquer outra cousa.

E o caso é que foi bastante concorrida e bastaram para encher a platéia as alumnas todas dos grupos escolares.

Os camarotes estavam todos cheios e o Senador occupava um todo adornado, no centro do compartimento.

Ao começar a função, appareceu no quadro o retrato do Senador Azeredo que o povo acclamou com palmas e vivas prolongados.

Começou depois a exhibição das fitas que, em todo o caso, esteve regular.

Tal foi a nota festiva que houve hontem, feita somente para homenagear o grande macedonsense que ora nos visita e na estreiteza destas toscas linhas peço desculpas aos meus leitores por não ter podido contar tímidamente por tímidamente todos os casos e minuciosidades que se deram e também pelo atraso com que o nosso jornal sahio desta vez.

Helvisio Ramos.

NOTAS E NOTÍCIAS

Em homenagem ao Senador Antonio Azeredo, o Partido Conservador desta Estado, deu um esplendido baile, ante-hontem, no edificio do Palacio do Governo.

Teve lugar hontem á tarde, a *garden-party*, que as famílias cuiabanas fizeram em homenagem ao Senador Azeredo.

O Club dos Resistentes deu hontem a 13ª partida, que se effectuou em casa do Sr. Major Benedicto Leite de Figueiredo.

Agradecemos o convite á nós enviado.

Consta-nos que o Senador Azeredo embarcará amanhã no paquete "Xingü", com destino ao Rio de Janeiro, onde S. Ex. tem residencia.

Succo de Maçãs e de Uvas na casa MOURA

D. Xandoca

Conheci D. Xandoca nos seus melhores dias de *more*. Era um abobora a que se pôz um par de pernas de palito, outro de braço idem, e por cima de tudo isso uma caraça de metter medo. Elle, porém, tinha se na conta da belleza cahida do céu e não cessava de chamar a si propria de *elegante*.

Por uma dessas fatalidades que a ninguém é dado resolver, D. Xandoca veio a casar-se com um rapaz que se não era um *adonis*, era entre tanto uma figura que possuía frontispicio de gentio. Se foram felizes, difficil seria dizer.

Feliz ou desventurado, a verdade é que D. Xandoca numa manhã encontrou o marido tezo como uma vareta, com os olhos abertos e a cabeça hirta; tinha morrido da indigestão.

D. Xandoca chorou durante o dia, lastimou a sorte, o destino; gritou, berrou, incommodou a vizinhança.

Retirada á alcova, soluçando, não quiz apparecer. A custo, instada, apenas se alimentou com uma chicara de leite morno. Esoluçava, revivendo as qualidades do morto, sua bondade, seu amor; asculou-lhe o coração mudo, as feições desfeitas e desmaiou por vezes.

D. Xandoca era a personificação da dor, do desespero. A retirada do corpo para a sala foi uma scena dolorosa para a viuva, que parecia louca

Sob gazes negras, ao lado da mesa coberta de paunços pretos, tremulavam velando o cadaver quatro velas gastadas em candelabros de prata. Os convidados chegavam aos ponceos, procurando dar ao rosto a feição de con-

deidos. Vinham de roupas sollemnos, e á entrada atiravam pontas de cigarros servidos.

Á hora marcada para o enterro, o caixão foi retirado com custo, sob o pranto desfeito e as lagrimas de D. Xandoca. Beijou muitas vezes o corpo frio do marido, a, como uma sonambula, encaminhou-se para a alcova deserta, onde os ultimos raios do sol poente desenhavam no soalho uns arabescos incertos. Ouve-se o baque de um corpo

Lá fora as ultimas notas da marcha funebre vinham morrer aos ouvidos de D. Xandoca... E ao baque do corpo, Maria, a sua criada, assustada correu a amparar-a. Encontrou a de othar feroz, mãos á cadeia.

— Sem vergonha, vá me buscar o resto do *empanado* de hontem. Pois não vêes que estou cahindo de fome? . . .

X. I. Z.

NA HORA



— Acudam! socorro! o zebu quer me chifrar! ai! ai!

RECORDANDO

Quando por estas tardes de Janeiro, esconde-se o sol no Occidente e a noite vem cahindo, immersa na grande monotonia que avassalla a nossa querida Cuiabá, sinto quo o meu pensamento completamente sbeio ao que se passa deante dos meus olhos, transportar-se para logaros mui diversas d'aquelle em que me acho e recordo-me então dos dias em que nós

despreocupados dos deveres do collegio, gozando a ventura que nos proporciona a epocha das ferias, passamos juntos nos posticos campos da Cachoeirinha. Tem realmente muita poesia um retiro como esse, onde se des-cortinam immensas varzeas a perderem-se de vista, cobertas de verde, onde todos os dias vem pastar o gado; onde a tardinha ouve-se ressoar nos ares o canto estridente do araquan e de outros passaros que vivem felizes naquellas paragens.

Entretanto, cedendo ás duras leis do fado e da necessidade de instrucção, abandonei aquelles sitios onde tenho esperanças de voltar um dia; e talvez nesse dia, lembrando os tempos passados, conseguirei minorar as dores de uma ingratitude lançada por aquella a quem consagro o meu puro amor.

Ah! Que contentamento não pairará em meu coração, si depois de uma tão prolongada ausencia me fôr permitido voltar a aquellos lugares que me viram nascer o lembrar contiguo os alegres dias da nossa meninice!

Curvo Netto.

PROVA DE AMOR

—Que é que te fiz, querida, que assim te tornaste seria comigo? Ha muito que não vejo partir desses dois carbonucios incandescentes que são teus olhos, chispas brilhantes igneas aos raios do sol, que se viam enunciar com os meus olhares; ha muito que não mostros no canto rosado da tua pequenina bocca, flor entre-aberta em manhã primavera, aquelle sorriso suave e doce que derramava uma infinita alegria em minha alma. Que te fiz eu para assim magoares este meu

coração que só por ti vive, só por ti soffre?...
—Nada.

—Não acreditas no meu amor, neste amor santo e puro que te dedico?

—Não.

—Porque? Que prova queres deste affecto d'alma que tenho por ti? Dize-me, pede-me alguma coisa que vanha demonstrar-te o mais claro possível o quanto te amo... Fede, pede-me alguma cousa!...

—Nada é preciso; sei perfeitamente que me não amas e o quanto bates...

—Não te amo? Pois não acabo de offerecer para dar-te as provas que quizeres de meu santo amor por ti?

—Sim; mas... podia dar-me quantas provas quizeres que eu em nenhuma acreditava porque sei que todas seriam hypotheticas, provas sem base, e em fundamentos...

—Ousas dizer-me isso? Não acreditas então em meu amor?

—Não.

—E porque?

—Ora, porque...

—Falla! falla, querida!

Quero destruir todas as suspeitas que essa tua levea cabeceinha pode imaginar de mim.

—Sim; sei perfeitamente que me não amas porque te vi a fazer declarações á Eliza, e como ella ficou toda derretida com essa declaração hypocrita, mentirosa, deste-lhe dois beijos!...

(Imaguem a minha cara, á frente disto! Sem querer mudar o rumo da conversa e não pedi mais á ella que acreditasse no meu amor...)

Polino Liborio.

PRIMEIRA HORA

A' mme. Agruz

Descreva um palmo a sua estatura mathodônica e não falle tão fino assim.

Bala de estalo

O Francisco era um rapaz de bem bonita apparencia, Conversava era loquaz, Mostrando alguma sapiencia. Mas, nelle o que mais se via De elegante formosura Era uma alva dentadura Que inveja a muitos fazia. Um dia foi o Francisco Convidado p'ra um jantar Em casa da gurizola (Quem dispensa um tal petisco?) E lá foi, todo janeta Os postiscos saborear... A' mesa já assentado Tendo a gurizola a seu lado O Chico disse consigo: Estou prompto p'ra o mastigo. Nisto um rapaz lá da roda Diz uma grossa pilheria E á roda da mesa toda Não fica pessoa seria. O Chico, então, abre a bocca Numa gargalhada louca. Mas a bella dentadura Da bocca do Chico sae Por ser falta, sorte escura! No prato do molho cae!...

Lucio Lino.

PIADINHAS

—Me conjugo o futuro do verbo «plagiar».

—Eu plagiarei, tu plagiarás, elle plagiará...

—Psão! Fica quieto; ali vem o Monturo...

—Porque é que andam offerecendo banquetes ao Senador?

—Ora para elle se relaxar dos quasi jejuns porque passou nos paquetinhos do Lloyd.

O Senador não gastou nada da *gavê-n-party*, não é?

—Como?

—Pois é brincando ter que aguentar sorrindo a uma chuva de galhos e cipós pelo rosto! Dizem até que um galho de mangueira lhe cantou na cabeça que até fez gallo...

Chico, como chama aquelle moço de olhos de gatos, que ali vem todo dengoso, de castorsinho e jaquetão?

—Chama-se *Espoleta*, Nhahã.

—*Espoleta*?!! Mas esse não é nome de gente.

—Que importa? Elle mesmo quiz chamar-se *Espoleta*.

Trapizongas

A SALVAÇÃO DAS CRIANÇAS! Leite esterilizado.

Casa MOURA

POSTAL

A MINHA BELLA.
Desses teus dentes formosos,
De pontinhas aguçadas,
Desses teus dentes mimosos
Temo as dentadas . . .
J. Pereira.

O PAU DE CABELLEIRA

Os leitores com certeza sabem o que vem a ser pau de cabelleira? É um guidam qualquer que nos faz companhia quando temos de passar pela casa da gurya e nos livrar muitas vezes de montar no porco.

Pois bem; eu tinha um amigo cujo maior prazer consistia em ser pau de cabelleira.

Si encontrava-se commigo na rua, me convidava logo para passar pela casa de minha pequena e no jardim não me largava só para assistir aos meus namoros.

Certa occasião engrasava em uma gurya lá pelo lado do Lava-pés e o pai della já andava prevenido contra mim.

Uma noite lá fomos, eu e o meu amigo, pelo Lava-pés acima, afim de conseguir uma entrevista com a bella; é preciso acrescentar que o meu amigo foi quem me convidou para isso.

Chegando em frente á casa da querida, vimos um vulto de mulher perto da porta.

Encostamos resolutos, pensando ser a menina que alli se achava, quando ouvimos um: « agora que você me paga, seu patife! » e immediatamente ovulito, que era o do pai que se disfarçara para não apatthar, nos saiu atraz, chegando a dar umas seis bengalladas no meu amigo, que ficou todo amassado, por não ser bom corredor.

O resultado foi que o Heitor, pois assim se chamava o meu amigo, prometeu nunca mais servir de pau de cabelleira a quem quer que fosse e eu, por men turno, aconselho aos leitores que também não caíam nessa asneira, afim de não se sobrecarregarem com males alheios.

João Bocadagua.

APEDIDOS

Coxipano! badaméco
Você não qué mais trová
Os os sen vstro cacaréco
No a pedido dos jorná?

Um CAPIBA.

Ora, dar viva á la gracia.
Por sua vez diz Zé Povo,
E achar qué é uma andacia
O Abilio botar um ovo,
E' grossa asneira, pois penso,
E este facto já presinto,
Que o Abilio já está propenso
A botar ovos com pinto.

Altro.

Annuncios

Dormivil de Tal avisa ao respeitavel publico que acha-se a sua disposição para serviços mortuorios, taes como: distribuição de cartas, guardat defuntos etc. pela tabella abaixo:

Distribuição d'auzo	
cavalo	1\$750
idem sem idem	2\$250

VELORIO

Por noite com vermouh	5\$000
Idem sem idem	8\$000
Cuiabá, 19 — 2 — 910.	

UM VOTODE LOUVOR

A'ECONOMISADORA*

Na sessão plenaria do *Congrés Juridique des Cooperatives*, que acaba de ter lugar em Bruxellas, Belgica, o dr. Ismael Olavo Soares de Souza, expoz a situação da *Economisadora Paulista*, o a organização do *I Congresso de Mutualismo Sul-Americano* e aquella illustre assembly, na qual se achavam reunidas quasi todas as grandes sumidades juridicas da Europa, approvou unanimemente um voto de sympathia á *Economisadora*, pela sua obra.

Externados aqui os nossos agredimentos pela enorme distincção conferida á nossa sociedade, sirva ella de incentivo e estimulo aos nossos mutuarios e de brilhante resposta aos ataques desabridos, com que as poderosas Companhias de Seguros, têm procurado entavar a marcha do mutualismo brasileiro, no qual elles vêm um concurrente, que é necessario destruir quanto antes, a ferro e fogo.

Illusion de Dralle. Essencia de flores sem alcool: Lyrio dos Valles, Yesterin, Helectropio-Lids, Narciso—Muguet, Violeta—Rosa.

Esta essencia de flores é tão concentrada que, basta uma quantida de minima, para se obter o perfume natural dos lyrios dos valles.

Basta tocar com a rolha de crystal os objectos que se quizer perfumar.

Na casa MOURA

HERBERT DICKINSON HUNDERSFIELD

Exportador de todas as classes de mercadorias.

Representante em Cuiabá:

John Leslie H. Atkinson

Rua Ricardo Franco — 6

Caixa do Correio — 16.

Vendas por atacado

Tomem Chá
Celestial